

INTOCÁVEIS EM EQUILÍBRIO: GILBERTO FREYRE NA FRANÇA DO SÉCULO

XXI¹

Leonardo Puglia²

RESUMO

Lançado em 2011, *Intocáveis* acabou se tornando o maior sucesso comercial da história do cinema francês, ao retratar a amizade transformadora entre um milionário tetraplégico e seu enfermeiro, um negro pobre recém-saído da prisão. Reconhecendo o impacto cultural dessa leitura sobre as tensões sociais que caracterizam a França contemporânea, o artigo propõe um esforço de análise do longa fundamentado no pensamento de Gilberto Freyre, como forma de debater potenciais de novas leituras e aplicações para as teorias do autor de *Casa-Grande & Senzala*, que apesar de polêmicas, continuam presentes no imaginário social brasileiro.

Palavras-chave: Intocáveis; Cinema francês; Gilberto Freyre; Casa-Grande & Senzala;

ABSTRACT

The movie *The Intouchables* was released in 2011 and became the biggest success in the history of French cinema, portraying the friendship between a tetraplegic millionaire and his nurse, a poor black man coming from jail. Acknowledging the cultural impact of the way it portrays current social tensions in France, this paper intends to discuss the movie based on Gilberto Freyre's theories. This is an effort to outline new approaches to the controversial thinking of the author of the Brazilian social sciences masterpiece *The Masters and the Slaves*.

Keywords: The Intouchables; French cinema; Gilberto Freyre; The Masters and the Slaves

INTRODUÇÃO

Entre os desafios propostos por esse artigo, encontra-se a tentativa de revisitar a obra de Gilberto Freyre a partir de uma perspectiva contemporânea e transnacional, ao se optar por fundamentar a análise do longa-metragem de ficção francês *Intocáveis*, lançado em 2011, em suas teorizações sobre a formação social brasileira; tendo como mediadores as leituras que Elide Rugai Bastos e Ricardo Benzaquen de Araújo fazem do pensamento do autor de 'Casa-Grande & Senzala'.

¹ Recebido em 06/07/2017

² Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. leopuglia@gmail.com
Revista Livre de Cinema, v. 4, n. 3, p. 75-84, set-dez, 2017
ISSN: 2357-8807

O objetivo principal é delinear potencialidades de universalidade nas formulações do pensador que dedicou a vida a estudar as dinâmicas de formação de um único país, o Brasil. Não se trata, contudo, de mero malabarismo teórico, mas, sim, da tentativa de chamar atenção para as possibilidades de aplicação das teorias de Freyre a diferentes realidades sociais que apresentem características, em suas dinâmicas fundamentais, de alguma forma comparáveis às da formação social brasileira. Sobretudo a desigualdade social, os conflitos étnicos e as relações de dominação, questões centrais da nossa gênese, às quais o pensador pernambucano dedicou a maior parte de seus esforços de reflexão.

E é justamente em torno destas questões, tão familiares ao pensamento social brasileiro, que gira a história contada no filme analisado nesse artigo, revelando nas telas uma França cada vez mais multirracial e desigual do ponto de vista socioeconômico, portanto mais próxima da nossa realidade.

Essa tendência de transformação da sociedade, todavia, está longe de ser uma exclusividade francesa, ganhando forma em diversas partes do mundo, enquanto consequência do movimento de globalização em sua atual configuração. Na Europa, a situação torna-se especialmente delicada diante da ascensão de organizações políticas de caráter racista e xenófoba, como o *Front Nationale*, liderado na França do filme por Marine Le Pen. Daí a pertinência de se debater essas questões urgentes a partir do longa-metragem que se tornou um dos maiores sucessos internacionais do moderno cinema europeu, revelando o interesse de milhões de pessoas de todo mundo sobre as tensões mostradas na tela, tão familiares aos espectadores brasileiros e ao pensamento de Gilberto Freyre.

O FENÔMENO DE BILHETERIA

Quando chegou aos cinemas franceses, em 2011, *Intocáveis* parecia apenas mais uma comédia desprezível. Poucos imaginavam que o longa escrito e dirigido pela dupla Olivier Nakache e Éric Toledano se tornaria um fenômeno global.

Os números são impressionantes. Orçado em 27,5 milhões de reais, acabou faturamento mais de 420 milhões nas bilheterias mundiais, tornando-se o maior sucesso comercial da história do cinema francês. Só no país, foi assistido por 19,38 milhões de pessoas. Cifras que certamente chamam atenção para o potencial de

universalidade da história, apesar do longa retratar, de forma fiel, a realidade econômica e social da Paris dos dias de hoje.

O filme é a adaptação de *Le Second Souffle*, livro autobiográfico de Philippe Pozzo di Borgo, herdeiro tetraplégico de uma das famílias mais ricas e tradicionais do país, que, em sua versão na tela, decide, após muito procurar por um auxiliar de enfermagem adequado, fazer a opção menos provável, apesar da desaprovação familiar: contrata Driss, um senegalês recém-saído da prisão e sem nenhuma qualificação formal para o cargo.

Do choque entre essas duas personalidades aparentemente antagônicas e “intocáveis” - como sugere o título - surge uma relação de fraternidade comovente, uma verdadeira mensagem de otimismo para uma Europa cada vez mais acuada diante da explosão de desigualdades sociais e de conflitos étnicos gerados pelo atual modelo de globalização excludente. E como esse modelo tem se disseminado de forma tão veloz, não chega a ser uma surpresa que tal mensagem tenha ecoado em espectadores de outras partes do mundo.

DRISS, O NEGRO

Diante de tantos concorrentes qualificados, com experiência profissional e formação teórica, o jovem negro, desempregado, recém-saído da cadeia parece uma escolha absurda para o posto de auxiliar de enfermagem de um homem tão rico e poderoso. O próprio Driss tem absoluta convicção desse fato e não esconde que compareceu à entrevista apenas para recolher a assinatura necessária para continuar recebendo o auxílio desemprego do governo. Surpreendentemente, sua atitude rude e honesta vai colocá-lo à frente dos outros candidatos.

Como nada espera do processo de seleção, Driss não adota o tom subserviente e bajulador dos concorrentes. Pelo contrário, o jovem marginalizado não demonstra nenhuma piedade pelo milionário paralisado do pescoço para baixo. É justamente essa impiedade e essa frieza que o contratante busca. Philippe quer ser tratado como igual, e só um pária como Driss, negro, pobre e imigrante, discriminado pela elite branca, é capaz de fazê-lo.

Assim como na Casa-Grande descrita por Gilberto Freyre, o subalterno escolhido para a convivência próxima, no seio do lar, é o que mais se aproxima do

senhor em termos morais e simbólicos. O negro aceito na intimidade da família é o desempregado e, por isso, possivelmente mais altivo, orgulhoso do que a criatura humilhada pela exploração do trabalho e adaptada aos códigos correntes de subordinação.

Os negros que convivem com os brancos não são os degradados pelo serviço da lavoura e sim os escravos domésticos. Os pajens e mucamas são escolhidos na senzala a partir do tipo físico mais atraente e de aptidões mais próximas das do 'setor civilizado'. Dessa maneira selecionam-se negros com traços culturais e raciais mais semelhantes aos brancos (Bastos, 2008, p. 229).

Driss é inserido, então, em um mundo novo, num magnífico *château* parisiense, que em nossa interpretação poderia ser comparado à Casa-Grande brasileira, enquanto microcosmo da elite tradicional. Mas aqui, como acontece na obra de Freyre, o negro não fica preso à função de coadjuvante, mas torna-se protagonista, "civilizador", agente transformador de um universo que lhe é estranho.

Os atores aparentemente marginais ganham o centro do palco, mudam o rumo da história. São eles que recriam em outro patamar as relações sociais. Terminam por impor seu modo de vida, sua visão de mundo, seus costumes, sua estética, sua fala. Assim, altera-se a ordem social, mudam-se os papéis. O dominante acaba por ser dominado. E o dominado, por dominar, impondo sua cultura. Trata-se, para o autor, da figuração da democracia (Bastos, 2008, p. 232).

Mais do que apenas transformar, Driss vai melhorar o universo de Philippe, equilibrando a frieza e a afetação da elite parisiense, assim como teria feito o africano na Casa-Grande brasileira. Explica Bastos: "o negro é, também, responsável pelo traço dionisíaco do caráter brasileiro (...) a alegria do africano contrabalançou o caráter melancólico do português e a tristeza do indígena" (2008, p. 230).

Com seu humor, sua espontaneidade, Driss vai resgatar a vida em um ambiente aparentemente morto. De tediosa formalidade, transforma a festa de aniversário do patrão no que ela deveria ser: uma celebração à vida. Dança, ri e leva os outros funcionários a fazer o mesmo, estimulando, inclusive, relações amorosas entre eles.

A presença do africano faz o *château*, Casa-Grande parisiense, recuperar valores e sentimentos perdidos, equilibrando os defeitos da elite branca e transformando-a para melhor.

PHILIPPE, A ELITE BRANCA

Inserida em uma narrativa sobre os antagonismos da Europa contemporânea, a condição física de Philippe não deixa de simbolizar a paralisia de uma elite que se afastou do resto da sociedade, fechando-se num mundo pretensamente superior.

E esse isolamento, de acordo com as previsões de Freyre, teria tido como desdobramentos naturais esterilização e impotência, já que a riqueza e o vigor cultural encontrar-se-iam justamente na troca. Foi preciso se abrir à entrada do “intocável”, do outro polo extremo da sociedade, para que a elite branca francesa voltasse a se oxigenar e reencontrasse a vida.

A amizade com Driss faz Phillippe renascer como pai, como amante e como homem. No contato com o negro “intocável”, o deficiente “intocável” retoma a alegria de viver. Deixa de ser o senhor “afeminado”, nas palavras polêmicas de Freyre, impotente e paralisado, para reconquistar simbolicamente seu vigor e sua autoridade legítima.

Só assim é capaz, por exemplo, de controlar o comportamento da filha, símbolo do sadismo que brota da elite quando esta não é permeável à troca com as camadas mais baixas. O mesmo “simples e puro gosto de mando, característico de todo brasileiro nascido e criado em casa-grande de engenho” (Bastos, 2008, p. 222).

Assim como a obra de Gilberto Freyre, *Intocáveis* usa as relações cotidianas para dissecar e debater questões sociais, tendo a família como teatro fundamental. O *château* de Philippe apresenta para a França mostrada na tela - cada vez mais multiétnica e desigual, portanto mais próxima do Brasil – papel análogo ao da Casa-Grande brasileira de Freyre, enquanto “centro de coesão social”, representante de ‘todo um sistema econômico, social e político’, segundo palavras de Elide Rugai Bastos (2008, p. 219).

No entanto, a deficiência física foi primordial na aproximação entre Philippe, o senhor branco, e o negro Driss. Sem esse fator nivelador, os dois polos antagônicos de uma sociedade segregada teriam continuado “intocáveis”, portanto, impermeáveis à troca que se mostrou tão enriquecedora para ambos os lados.

No filme de Nakache e Toledano, a paralisia física, de certa forma, teve papel análogo ao que o “caráter indefinido e instável” do colonizador português (Benzaquen

de Araújo, 1994, p. 209) desempenhou no equilíbrio de antagonismos da sociedade patriarcal brasileira.

Somente na condição de deficiente, o milionário Philippe viveu experiência de marginalidade e segregação e foi capaz, portanto, de se conectar com o elemento desprezado por sua classe. Só assim a barreira foi rompida e os opostos se tocaram, gerando enriquecimento mútuo.

Essa mesma aproximação criadora entre polos antagônicos teria se dado na formação social brasileira - segundo a formulação freiriana - justamente pela situação “movediça e transitória” do português, enquanto um

tipo singular de mestiço, capaz de aceitar as mais diversas influências, inclusive de ordem física, sem dissolvê-las e fundi-las em um esforço de síntese, conservando-as lado a lado, como água e azeite, no que foi a primeira aparição da ideia de ‘equilíbrio de antagonismos’ neste estudo: homens de barba loura e cabelo escuro. Homens morenos de cabelo louro (... ou seja) mestiços com duas cores de pelos (Benzaquen de Araújo, 1994, p. 209).

EQUILÍBRIO DE ANTAGONISMOS

Apesar da grande distância no tempo e no espaço, é possível apontar pontos em que o longa *Intocáveis* e a obra de Gilberto Freyre se tocam, à medida que ambas apontam, no centro de seus argumentos, o “equilíbrio de antagonismos” como caminho a ser buscado em sociedades tensionadas pela desigualdade social e pela diversidade étnico-cultural.

A proposição, contudo - tanto no filme como no trabalho do intelectual brasileiro -, não surge como simples fórmula prática para manter conflitos sob controle, mas como ação criadora, capaz de elevar ao máximo as potências construtoras de uma formação social heterogênea.

Nakache e Toledano pregam a derrubada de barreiras simbólicas e a mistura dos polos opostos da sociedade como fonte de criação de riqueza cultural e do fortalecimento das individualidades. Apesar de aparentemente antagônicas, ambas as partes têm a ganhar com o intercâmbio.

Essa passagem de Elide Rugai Bastos, por exemplo, revela-se especialmente ilustrativa nesse esforço de iluminar proximidades entre a proposição dos cineastas para a França contemporânea e as interpretações de Freyre sobre os aspectos positivos do processo de formação social brasileiro:

Segundo Gilberto Freyre, as duas formas devem coexistir, porque a força da cultura brasileira reside 'na riqueza dos antagonismos equilibrados'. Se seguíssemos só um modo em detrimento do outro, abafaríamos metade de nossa vida emotiva e nossas necessidades sentimentais, pois 'somos duas metades confraternizantes que se vêm mutuamente enriquecendo de valores e experiências diversas.' Essas duas faces do indivíduo estendem-se à sociedade (2008, p. 231).

Ao optar pela defesa de um equilíbrio de antagonismos entre os dois extremos do espectro social, evitando tomar partido pelo lado mais fraco, o filme *Intocáveis*, assim como a obra de Freyre, vai se expor às acusações, sobretudo da crítica marxista, de promover a conciliação de classes em sociedades fortemente desiguais, através de mistificações ingênuas e do encobrimento de crescentes tensões sociais.

Os diretores Nakache e Toledano não vão se intimidar, contudo, mantendo-se firmes em sua opção pela síntese dialética entre diferentes tradições culturais, que ganha outro sentido no contexto Europeu, diante da riqueza e do peso da história do continente e dos desafios colocados por um momento de transformação epocal, onde as novas dinâmicas sociais tornam imperativas estratégias de renovação conscientemente direcionadas.

Ou seja, transposta para a realidade da Velha Europa talvez não seja tão difícil aos cineastas justificar a valorização da herança cultural das elites dirigentes quanto foi a Freyre em suas formulações sobre um país jovem e de tradição escravocrata como o Brasil, que lhe renderam acusação de reacionário ao longo dos anos, reforçadas por seu vínculo político com a ditadura militar pós 1964.

O que Nakache e Toledano procuram demonstrar ao longo dos 112 minutos de projeção é que não apenas o milionário branco se torna melhor com o contato com o subalterno negro, mas este também amadurece profundamente com o contato com a cultura clássica e os valores da elite.

No seio do sofisticado *château*, Driss tem a possibilidade de desenvolver sua sensibilidade artística, revelando-se, ao contrário do que imaginavam os outros personagens, um apreciador de música erudita e pintor em potencial. É também na relação com o Philippe que o jovem senegalês vai amadurecer e aprofundar seu senso de responsabilidade perante os outros, sendo capaz de retomar seu papel dentro da própria família.

Ou seja, o longa não faz distinção valorativa, e os dois polos antagônicos são apresentados dentro de suas diferenças, mas de forma simétrica, apesar do abismo econômico e social que os separa.

Creio ser possível afirmar que Gilberto Freyre quer demonstrar, em um momento de transformação da sociedade brasileira, quando se promovem mudanças que afetam a própria configuração do Estado, que os velhos setores da sociedade detêm uma sabedoria que lhes permitiu organizar a sociedade de modo a evitar rupturas que afetassem o equilíbrio social (2008, p. 222).

A afirmação de Rugai Bastos poderia ser aplicada ao argumento de *Intocáveis*, já que Nakache e Toledano também não descartam a importância da contribuição que as elites tradicionais podem oferecer diante dos novos desafios que transformam a França.

Com o forte fluxo migratório de antigas colônias africanas e com o agravamento do desemprego e das disparidades sociais causadas pelo atual modelo de globalização que desloca empregos do continente – sobretudo nas indústrias tradicionais – para as periferias do mundo, onde a mão de obra é mais barata, o país europeu vai ganhando configuração social cada vez mais multiétnica e desigual, fomentando dinâmicas e tensões similares às que marcaram a experiência formadora brasileira.

Se o caminho para sociedades desse tipo seria estimular o equilíbrio entre antagonismos, quais seriam as formas práticas de viabilizar esse processo de enriquecimento cultural dialético? Certamente as propostas de ação devem levar em conta as características particulares de cada local e de cada momento histórico, mas ao se debruçar sobre os pontos em comum entre o filme e a obra de Gilberto Freyre a conclusão que emerge é a de que, independentemente das configurações específicas, as soluções devem passar necessariamente pela ideia de afeto e fraternidade.

Em *Intocáveis*, a amizade entre Driss e Philippe rompe barreiras e preconceitos, transcendendo códigos sociais, até atingir o âmago de uma relação amorosa desinteressada, movida pela empatia em sentido mais puro.

Com sua força, essa relação de amizade improvável acaba por reproduzir, na França de 2011, o “franciscanismo” identificado por Benzaquen de Araújo na obra de Gilberto Freyre, fortemente vinculado à moral católica que marcou a formação cultural

brasileira e cujo caráter utópico seria duramente atacado pelos críticos do pensador pernambucano enquanto forma de esvaziar as lutas por justiça, mantendo o Brasil preso dentro dos limites estreitos do quadro de desigualdade social herdado da sociedade escravocrata.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das dinâmicas sociais que transformam as tradicionais potências europeias em nações multiétnicas tensionadas por uma crescente desigualdade social, questões que marcaram o processo de formação social brasileiro ganham centralidade e adquirem novas configurações em diferentes territórios e contextos históricos. Diante desse cenário desafiador difundido pela disseminação da globalização, cresce o potencial da experiência brasileira fundamentar discussões sobre desafios sociais surgidos além de suas fronteiras.

Nesse sentido, o pensamento de Gilberto Freyre revela-se referência incontornável. Apesar de seu caráter polêmico e das duras críticas que sofreu ao longo dos anos, sua obra permanece não somente por seu caráter fundador da moderna sociologia brasileira, mas também por ter fundamentado os mitos que forjaram nossa identidade nacional.

Portanto, pode-se criticar duramente, mas não ignorar a obra de Gilberto Freyre, ainda tão presente no imaginário brasileiro, seja para o bem, seja para o mal. Mais do que isso, com as novas dinâmicas sociais que tem tensionado as sociedades do primeiro mundo, sobretudo as europeias, seu pensamento pode ser útil a esforços de reflexão para além das fronteiras nacionais.

Foi o que tentamos demonstrar nesse pequeno artigo, ao fundamentar em sua teoria – mais precisamente na leitura feita por Elide Rugai Bastos e Ricardo Benzaquen de Araújo – uma análise de *Intocáveis*, longa-metragem francês onde Olivier Nakache e Éric Toledano defendem uma tese, na nossa interpretação, análoga ao “equilíbrio de antagonismos” preconizado em ‘Casa Grande & Senzala’. Assim como Freyre, a dupla de diretores prega a empatia e a fraternidade como forma de derrubar as barreiras que separam os polos opostos de uma sociedade marcada fortemente pela desigualdade.

Em ambos os casos, é justamente no intercâmbio entre as díades negro/branco e pobre/rico que reside o potencial criativo e a riqueza cultural de uma nação marcada pela diversidade. Misturados, os extremos teriam a capacidade de se complementar, de aprender, de corrigir seus pequenos defeitos, criando algo novo.

Nakache e Toledano também repetem Freyre em sua atitude mais ousada e polêmica, justamente por recusarem priorizar o lado do mais fraco do espectro social, valorizando em igual medida a contribuição cultural e social da elite dominante tradicional.

Na verdade, as contribuições dos dois extremos da sociedade são valorizadas de maneira simétrica em *Intocáveis*, ficando a resolução do abismo econômico e social em segundo plano. Com sua espontaneidade e sua alegria, o negro ajuda a transformar a vida do branco para melhor, mas também é impactado positivamente pelos valores da elite. Ou seja, não há diferença de valor entre os polos pretensamente antagônicos. Ambas as contribuições são igualmente necessárias na solução dos desafios de uma sociedade desigual, onde a diversidade não deve ser encarada como problema e, sim, como potência.

Uma tese certamente aberta a controvérsias, mas que emocionou milhões de espectadores em todo o mundo - 19,4 milhões só na França, país onde se passa a história –, números que por si já justificam a pertinência do debate em torno do filme.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Elide Rugai. **Gilberto Freire: Casa-grande & Senzala**. In: Introdução ao Brasil: Um Banquete no Trópico. São Paulo: SENAC, 2008.

DE ARAÚJO, Ricardo Benzaquen **Guerra e paz – Casa-grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos Anos 30**. Rio de Janeiro, 1994.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. São Paulo: Global Editora, 2006.

REFERÊNCIAS FÍLMICAS

Intocáveis (Intouchables - Paris 2011). Direção: Olivier Nakache, Eric Toledano. California Filmes, 2010, 1 DVD (115min).